

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ENFERMAGEM NO BRASIL SOB A ÉGIDE DO CIENTIFICISMO PROPOSTO PELA AMERICANIZAÇÃO: Um breve relato histórico

Elizabete Farias Lima Silva*

Josefa Eliana Souza**

** Doutoranda em Educação pelo PPGED-UFS. Enfermeira. Mestre em Enfermagem EEAN/UFRJ. Técnico administrativo da Universidade Federal de Sergipe. Professora de Ensino Superior da Faculdade Jardins-SE. Membro do GREPHES. Brasil*

*** Doutora em Educação PUC/SP. Professora da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre História do Ensino Superior GREPHES. Brasil*

Resumo: O artigo tem por objetivo, refletir acerca da influência norte americana no processo de institucionalização da enfermagem brasileira. Optou-se por um estudo histórico, a partir do diálogo com as fontes (imagens, textos acadêmicos, memórias e relatos), no tocante ao caminho trilhado, sob os seguintes aspectos: o movimento sanitário no Brasil República, onde trataremos de contextualizar o cenário da época, suas aspirações em projetar-se como nação promissora; a influência americana nas ações de promoção à saúde e a enfermagem moderna - enfoque para a influência americana nos diversos setores da sociedade e, por fim, a institucionalização da enfermagem como prática social. Tratou-se de um fenômeno com repercussões no cenário político, econômico e cultural da época, em razão de uma sociedade capitalista que emergia no cenário nacional sob os auspícios da americanização.

Palavras-chave: Educação. Enfermagem. História da Enfermagem.

Introdução

O presente artigo¹ objetiva refletir sobre influência norte americana no processo de institucionalização da enfermagem brasileira. Consoante ao presente estudo histórico, Prost (2008, p. 55) alerta, “a solidez do texto histórico, ou seja, sua admissibilidade científica dependerá do esmero que tiver sido aplicado na construção dos fatos [...] eles constituem o elemento consistente, são teimosos, é indissociável da referência”.

Para tanto, o presente artigo pretende dialogar com as fontes históricas (imagens, textos acadêmicos, memórias e relatos), no tocante ao movimento percorrido pela enfermagem brasileira e as influências da “americanização”, sob os seguintes aspectos: o movimento higienista no Brasil República: compreensão do “status quo”-onde trataremos de contextualizar o cenário à época, suas aspirações em projetar-se como nação promissora; a influência americana nas ações de promoção à saúde e a enfermagem moderna - enfoque para a influência americana nos diversos setores da sociedade e, por fim, a institucionalização da enfermagem como prática social.

Apoiada em Chartier (2015, p. 21) quando pontua, ser o conhecimento produzido na história, uma das modalidades da relação que a sociedade mantém com o passado; é possível enfatizar que, o processo de cientificismo proposto pela americanização, promoveu relevo no arcabouço da institucionalização da enfermagem brasileira, no período de estruturação da república, em razão das políticas públicas instauradas na época que visavam, sobretudo, a promoção de medidas saneantes de combate às doenças endêmicas e epidêmicas que assolavam as regiões do país e, por consequência dos seus agravos e impactos à coletividade, havia um distanciamento acerca das possibilidades reais de investimentos e proposições de progresso, nas diversas áreas da sociedade. Diante destas considerações, na ruptura temporal, pode-se constatar que tais movimentos e ações dialogam com a vida, na contemporaneidade, razão pela qual justifica-se a necessidade de compreensão acerca do vivido e, com base no hoje, (re) pensar o presente e, por consequência, projetar o futuro.

De acordo com Prost (op.cit p. 71), “não existem fatos, nem história, sem um questionamento; neste caso, na construção histórica, as questões ocupam uma posição decisiva”. Com base na referida afirmativa, segue como questões condutoras, do referido estudo: Que aspirações o Brasil almejava para projetar-se como

¹A idealização do presente estudo emergiu a partir das aulas de História da Educação Brasileira, disciplina ofertada no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no que concerne aos estudos sobre as bases epistemológicas, metodológicas e teóricas da Historiografia da Educação, intelectualidade brasileira na educação, processos formativos no Brasil: colônia, Império e República.

nação promissora, a partir do movimento higienista? Como se estabeleceu o modelo americano nas ações de promoção à saúde e quais desdobramentos culminaram na Institucionalização da profissão?

O presente estudo visa contribuir com estudos históricos e a historiografia no campo da educação e da enfermagem, concernentes as proposições e entendimento do “como” acerca dos caminhos percorridos pela enfermagem brasileira, da incipiência nas ações, até o saber científico sob os auspícios da influência americana, concebida pontualmente, pós promulgação da independência brasileira, cujo momento tramitava sob um processo de construção de uma nação, constituída independente e autônoma que, diante dos inúmeros desafios emergentes, visualizava no cenário da saúde pública, um dos pilares a serem consolidados como eixo estruturante em atenção às agendas de prioridades necessárias ao desenvolvimento político, social e econômico do país.

O movimento higienista no Brasil República: Compreensão do status quor

Na transpor do século XIX para o XX, o País trazia no bojo do discurso a máxima de que era premente a necessidade de construção de uma nação, haja vista o descortinar do Brasil República², diversos setores da sociedade clamavam por mudanças e avanços que fossem capazes de conceber aos anseios da população, à época, representadas por classes hegemônicas de domínio capitalista que, nesta perspectiva, almejava novos ruídos econômicos e, por consequência, investimentos em áreas, consideradas “pilares” da sociedade, a saber: educação, economia e saúde.

Apesar da forte retórica no entorno das mudanças que se faziam necessárias no País, doravante, emancipado, o movimento de mudança e reordenamento trazia, de modo implícito, um novo fôlego para a nação, a partir de medidas e ações impressas de modo seria pragmático e ressonante. Segundo Carvalho (1990), A Proclamação da República brasileira precisa ser enxergada como uma construção por versões plurais, sendo melhor denominarem-se “Proclamações”, ou seja, diferentes construções históricas defendidas por cada grupo, inserido naquele contexto. [...] a construção da ideia de proclamações e Repúblicas não ocorreu com o objetivo de simples disputas de poder, mas estava embutido o conflito pela definição do novo regime.

Segundo Galleguillos e Oliveira (2001, p. 466), as más condições de vida, decorrentes da urbanização e do incipiente desenvolvimento tecnológico da época, trouxeram o aumento das doenças transmissíveis. A descoberta dos microrganismos eo combate às epidemias tornara-se prioridade sanitária e política. A vertente de interpretação do processo saúde-doença da época foi o “higienismo”, caracterizado pelas campanhas que tinham como objetivo o saneamento ambiental e o controle de doenças que afetavam a atividade econômica.

Haja vista que o cenário político se mostrava favorável para a inserção de novos modelos de combate às moléstias e doenças pestilenciais prevalentes nas regiões urbanas e interioranas, que impactavam nas relações comerciais entre o Brasil e o comércio internacional. Portanto, a palavra de ordem versava no “pragmatismo” do avanço econômico e do capitalismo.

Segundo Santana (2001), após o fim da chamada “República Velha³” inicia-se um movimento de mudança, denominado “Projeto Higienista”, alicerçado numa concepção biológica das doenças e no início de uma prática médica especializada, fundada na assepsia e no apoio laboratorial, capaz de responder, parcialmente, a uma parte das necessidades de saúde da população. O referido projeto trouxe luz às práticas de saúde vigentes, uma vez que estas foram encaradas como um fenômeno da e na sociedade e, como tal, perpassava todos os aspectos da vida humana, e por consequência provocou reflexões importantes na clínica e no modelo sanitário praticado na comunidade.

²A Proclamação da República Brasileira foi um ato político-militar ocorrido em 15 de novembro de 1889 que instaurou a forma republicana federativa presidencialista de governo no Brasil, derrubando a monarquia do Império do Brasil e, por conseguinte, pondo fim à soberania do imperador D. Pedro II. A Proclamação da República contou com a participação de muitas pessoas, entre elas as que participaram das campanhas abolicionistas, os fazendeiros e o exército. Quem começou de fato a conspirar para a derrubada da monarquia foi Benjamin Constant. Porém, quem proclamou a República e pôs fim ao império foi o Marechal Deodoro da Fonseca, figura de maior prestígio no exército [...] Na manhã de 15 de novembro de 1889, Deodoro, à frente de um batalhão, marchou para o Ministério da Guerra, e declarou o fim do período imperial, e o início do período republicano. LIGA DA DEFESA NACIONAL – NÚCLEO DE ERECHIM. Disponível em: <http://www.pmerechim.rs.gov.br>, acesso em 08/07/2019.

³Ela representa o período que vai da Proclamação da República em novembro de 1889 até a explosão revolucionária de outubro de 1930. Em suma, ao lermos acerca da República Velha é possível perceber que ela representou a descoberta de uma fórmula política que poderia levar à emancipação econômica e moral do país. (LUCENA e GRILO, 2010, p. 608)

Tal qual proposto, constata-se que o projeto higienista trouxe uma projeção da classe médica, já consolidada e com significativa contribuição à sociedade, entretanto, diante dos desafios propostos, a enfermagem, em razão da sua prática social, caminhava “pari passu” na direção do desenvolvimento e modernidade, (re) pensando seu papel na comunidade e, sobretudo, trilhando o caminho do saber, do conhecimento e da organização.

É mister apontar que, na transição temporal, dos séculos citados em tela, o País caminhava em direção aos “novos ares”, e para tanto, o desafio apresentava-se como audacioso, porém, crucial em face do projeto político estabelecido, por força das circunstâncias, pela então “República” que, doravante, exigia, em prol da modernidade social, novas posturas e comportamentos capazes de majorar uma cultura capitalista profícua, capitaneada por novos modelos continentais. Mas, diante das circunstâncias e necessidades, qual ou quem seria o espelho?

Um País cujo traço característico comum era de que havia ascendido ao patamar em que estavam as nações europeias consideradas civilizadas. Por essa razão, passou a ser visto como um referencial no qual se devia mirar o Brasil [...] nação cujo progresso industrial estava “maravilhando”, eram vistos numa posição de liderança no caminho ascendente, que nações buscavam trilhar (OLIVEIRA e SANTOS, 2018).

A influência americana nas ações de promoção à saúde ea Enfermagem Moderna

No Brasil as ações de promoção à saúde eram insipientes e seguiam um rito organizado pelo domínio clerical, representado pelas instituições religiosas na figura das irmãs de caridade, modelo que exercia supremacia na prestação de um cuidado de enfermagem subsidiado por uma ação de zelo, caridade e irmandade; sentimentos nobres que atribuíam valor à prática da enfermagem, contudo, incipiente ao modelo proposto, idealizado nos moldes do ambiente técnico-científico que urgia como agenda progressista.

As ações de enfermagem balizavam o tratamento das moléstias ou possíveis desorganizações mentais, do que propriamente, ações de promoção à saúde. Medeiros et al (2008) atesta que, “não havia propriamente escolas de enfermagem, mas instituições religiosas cujo ensino e orientação da prática não obedeciam a nenhum programa formal”.

Em alusão ao movimento de modernização da enfermagem à luz do cientificismo destaca-se a figura de Florence Nightingale⁴, como pioneira desse processo que, gradualmente influenciou povos e nações no tocante às novas proposições e práticas assistenciais de enfermagem.

Verifica-se um movimento nacional transformador que buscava empreender ações e proposições canalizadoras de modernismo e progresso, nos diversos setores da sociedade, através de homens e mulheres engajados e inseridos em uma sociedade elitista, ou seja, pertencente a uma camada da sociedade, dita “privilegiada” e dominante. Longe da tentativa em refutar ao objeto central proposto no referido estudo, tomo como exemplo o setor da educação que, através de personalidades e intelectuais inseridos neste contexto e movimento, sob o auspício da modernidade, vislumbra, nos Estados Unidos da América, um modelo de educação transformadora.

A saber: Tavares Bastos⁵ que, considerava um atraso o homem que enxergava até os limites do seu País, pois corria o risco de perder a dimensão da sua riqueza e das possibilidades de crescimento. Acreditava na transformação. Mas, ela só seria possível se os hábitos da sociedade inteira fossem mudados. De acordo com Souza (2012, p. 40-70), defendia o estreito nas relações entre Brasil e os norte-americanos, uma vez que via nos Estados Unidos da América um novo modelo a ser seguido – contexto importante e necessário ao entendimento, potencial propulsor para novos estudos.

De acordo com Warde (2000, p. 39), “Como referência, o Brasil deveria espelhar-se, dentro de uma perspectiva extracontinental, não mais concebida nos Países Europeus, e sim, em outra América, a do norte, precisamente, nos Estados Unidos; novo mundo do norte que instaurava-se a Terra Prometida”.

Assim, compreende que a americanização estava intencionalmente instituída, no referido contexto temporal, como modelo promissor e libertário das políticas obsoletas e inconclusivas que retardavam o

⁴Enfermeira, precursora na profissionalização da Enfermagem, considerada a “mãe” da Enfermagem Moderna no mundo. Segundo Carvalho (2014) “não foi apenas uma brilhante mulher de quem poderá dizer intelectualmente honesta, ela foi, de fato, muito corajosa fazendo tudo o que pôde para tornar o mundo um lugar bem melhor para se viver”.

⁵Aureliano Cândido Tavares Bastos, nasceu em 20 de abril de 1839 na cidade de Alagoas (hoje Marechal Deodoro) na província de Alagoas. Seu pai, José Tavares Bastos fora um importante político nesta região. Aos 15 anos foi aceito na Faculdade de Direito do Recife. Um ano depois transfere-se com a família para São Paulo, concluindo seus estudos nesta cidade. Foi um Político, intelectual e pensador da Educação no Brasil. (GUGLIOIA, 2007, p. 27)

progresso e travavam as os projetos de avanço e ascensão do País, que aspirava os “ares” de uma nação promissora. Tal qual exposto no campo da educação; o que dizer do campo da saúde?

As projeções apontavam para uma reforma sanitária pautada em práticas especializadas, efetivas em conformidade com as necessidades, doravante apresentadas como prementes, no cenário nacional. Tal dinâmica, a princípio foi liderada por médicos sanitaristas, defensores da delimitação das práticas profissionais e demarcação efetiva do espaço de um serviço de enfermagem.

A década de 1920 é marcada, na esfera da saúde, pela celebração do convênio firmado entre os Estados brasileiro e norte-americano, respectivamente, Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e Fundação Rockefeller⁶, por médicos brasileiros e enfermeiras da missão norte americana visando a construção dos emblemas e sinais de distinção da profissão de enfermagem. A criação de uma escola e a delimitação de um campo de prática profissional constituíram os pré-requisitos necessários para que fossem retirados do cenário público os visitantes de saúde (agentes ‘leigos’ que assistiam à população com conhecimento empírico, sem organização e controles formais), regulamentando-se, ao mesmo tempo, a enfermagem como profissão(MOREIRA, 1999).

Embora os relatos históricos endossem a existência das práticas de enfermagem, no referido contexto social, segundo Medeiros et al (2008), “não havia propriamente escolas de Enfermagem, mas instituições religiosas cujo ensino e orientação da prática não obedeciam a nenhum programa formal”.

Em atenção às demandas sociais emergentes no oportuno contexto, tornava-se imperativa a organização de uma divisão de ensino, traduzindo a necessidade de criação de Enfermeiras de alto padrão, capaz de atender qualitativa e quantitativamente as demandas que se faziam necessárias, em função da péssima condição de saúde a qual estava submetida grande parte da sociedade brasileira à época. (TYRRELL e FILHO, 2008).

Diante do exposto, (Id, 2008) acrescenta no que tange à organização da Escola de Enfermagem, foi criada uma missão em 1921, denominada “missão Parsons”, constituída de enfermeiras norte-americanas, sob a liderança de Ethel Parsons, graduada na Escola de Enfermeiras de Columbus, Ohio – Estados Unidos da América, e com formação especializada em saúde pública. Portanto, responsável pelo planejamento e organização da escola de enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, hoje Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Enfermagem moderna se apresenta no cenário Nacional brasileiro.

Embora a história nos revele um movimento, a princípio, libertário, emancipador e moderno acerca da institucionalização da enfermagem, chamo atenção, como contraponto, para o ambiente político e social estabelecido, como “pano de fundo”, pontuado na citação:

Geovanini et al (2010) atesta, “com a Institucionalização da Enfermagem, no Brasil, seu saber foi organizado e sistematizado, originando a Enfermagem Moderna”. Segundo Sauthier e Barreira (1999), a implantação da Enfermagem moderna no Brasil fez parte de um movimento maior de tomada de consciência de um grupo de sanitaristas brasileiros, frente aos problemas da sociedade capitalista em ascensão na década de vinte.

Observa-se que o ensino de enfermagem, apesar de institucionalizado em 1923, sob a influência da saúde pública, teve sua efetiva consolidação, por vias legais, com o advento do desenvolvimento industrial e modernização dos hospitais em razão de um (re) modelamento nas suas práticas, fruto do movimento técnico-científico difundido no país, cujas origens emergiram no norte da América. A institucionalização do ensino de enfermagem no Brasil, portanto, está contida num contexto que ganha suas amplas dimensões quando remetida aos problemas de organização e funcionamento da sociedade e do Estado. (TEIXEIRA et al, 2006).

Cabe destacar que havia todo um rigor e disciplina implícita no processo de formação, no Curso de Enfermagem Nacional. O processo de profissionalização, disparado a partir da Lei nº 775 de 1949, que definiu diretrizes para o ensino de enfermagem no País estabeleceu prazos e competências necessárias para a formação de uma enfermagem com conhecimentos pré-definidos no entorno do que seria uma prática de enfermagem sistematizada.

⁶Instituição norte-americana que escreveu, no plano internacional, um dos capítulos mais polêmicos da história da ajuda externa, da filantropia científica, ou do imperialismo econômico cultural, rótulos aplicados, alternativamente, conforme o recorte político interpretativo adotado pelo investigador [...] frutos da política de negociações no campo das propostas e programas de saúde pública, no Brasil como em tantos outros países nos quais atuaram suas missões médicas e suas equipes de Enfermagem. A eugenia representou uma ideologia de “regeneração nacional” em um grande número de países. (KOBAYASHI et al, 2009, p. 315) Segundo Palmer (2015), Aos olhos de alguns pesquisadores, a atuação da Fundação Rockefeller na América Latina e no Caribe tinha outro objetivo além da questão da saúde pública: consolidar o poder norte-americano. compara a instituição a um 'parasita do bem', capaz de se integrar aos sistemas locais de saúde em países onde atuou.

Assim, face ao contexto social, político e econômico, circulantes no Brasil, à época, as alunas de enfermagem adotavam rituais que buscavam reverberar a representação de unidade e alinhamento com as demandas da sociedade. Isto posto, a figura, a seguir, apresenta a cerimônia da touca que, segundo Santos (2004), representava a integração efetiva da aluna ao corpo docente.



Grupo de Alunas após o ritual de Recepção de Touca⁶ - Fonte: Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ . Disponível em https://www.researchgate.net/figure/Figura-2. Fonte-Centro-de_fig2_51604821. Acesso em. 09 jul 2019.

Considerações Finais

Ao se propor uma pauta acerca da “influência norte americana no processo de institucionalização da enfermagem brasileira”, atentamos para a “reflexão” naturalmente imposta, no movimento de “ir e vir”, que traduz, neste objeto, a dinâmica imposta e os caminhos percorridos. O texto nos revela um País que amanhece “República” e, por consequência, inicia um plano audacioso de desenvolvimento e progresso nos diversos setores da sociedade, em razão das reivindicações econômicas impostas, no tocante à agenda de desenvolvimento do Brasil, frente aos Países considerados, promissores.

Em que pese a adoção de um modelo empreendedor e auspicioso à camada elitista e dominante, no referido contexto, emerge os Estados Unidos da América do Norte, como País promissor, engajado e capaz de nos tornar a tão sonhada “Nação”, e neste caminhar, as ações de saúde foram (re) construídas, a medicina especializada e, em especial, a enfermagem ganha espaço, planejamento e organização através da celebração de convênio entre Brasil e América do Norte, respectivamente: Departamento Nacional de Saúde e Fundação Rockefeller, emerge o movimento higienista. A influência americana era latente, e assim o serviço de enfermagem foi demarcando seu território, através de um saber organizado e previamente planejado, não mais concebido de modo empírico, por leigos através de ações caritativas. A compreensão do “status quor” previa uma ambiência favorável ao desenvolvimento econômico, social e cultural, e a institucionalização da enfermagem contribuiu nesta propositura.

A partir do movimento higienista, o Brasil preparava-se para projetar-se como nação promissora e, na esfera da saúde, conseguiria, de modo exitoso, atrair investimentos e negociar com outros países, sem que houvesse obstáculos: contaminações, transmissões de doenças e demais impeditivos em decorrência do “ir e vir”, responsável pelo movimento econômico. Finalizo por enfatizar que, em razão da dinâmica impressa pela sociedade capitalista, a enfermagem brasileira foi instituída, sob a influência americana em voga nos países latinos e caribenhos, e que o modelo estabelecido previa uma assistência, sobretudo, sistematizada, pautada nas práticas educativas e sanitárias na sociedade.

Referências

- [1]. BRASIL. **Lei nº 775, 06 de agosto de 1949.** Dispõe sobre o ensino de enfermagem no País e dá outras providências. Brasília. 1949. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03leis/1930-1949/L.775. Acesso em: 08 dez 2019.
- [2]. CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil.** 11ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- [3]. CARVALHO. **A Enfermagem de Saúde Pública como prática social.** Original tese de professor titular (concurso público de provas 1994) Vilma de Carvalho. Rio de Janeiro. UFRJ/EEAN, 2014.
- [4]. CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução Cristina Antunes. 2ª ed.; 1 reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- [5]. GALLEGUILLOS, T.G.B.; OLIVEIRA, M.A.C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v.35, n. 1, p. 80-7, mar. 2001.
- [6]. GEOVANINI, T. et al. **História da Enfermagem: Versões e interpretações.** 3ª edição. Rio de Janeiro. Revinter, 2010.
- [7]. GUGLIOTA, Alexandre Carlos. **Entre trabalhadores e Imigrantes nacionais: Tavares Bastos e seus projetos para a Nação-** Niterói UFF, 2007.vii., 189f.: il.; 31 cm. Orientador: Gizlene Neder. Dissertação (mestrado UFF/ Instituto de ciências humanas e filosofia, área de história. Programa de pós graduação em história social, 2007.
- [8]. KOBAYASHI, E. et al. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface.* Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 314-351. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso : 06 jul 2018.
- [9]. LUCENA, K. G. M. e GRILLO, M. A. F. As Representações da República Velha na cultura popular e no livro didático. 4º Colóquio de História. Abordagens Interdisciplinares sobre a história da sexualidade de 16 a 19 de novembro de 2010. Unicap. Disponível em <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria//2013/11/4Col-p.606.pdf>. Acesso. 06 jul 2018.
- [10]. MEDEIROS, M.; TIPPLE, A, F. V.; MUNARI, D, B. A expansão das Escolas de Enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. **Revista eletrônica de Enfermagem.** Goiás, 2008. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3aXXhtm>. Acesso em 10 mai. 2020.
- [11]. MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **Hist. Cienc. Saude-Manguinhos** [online]. 1999, vol.5, n.3, pp.621-645. ISSN 0104-5970. <http://dx.doi.org>. Acesso em 7 jul 2018.
- [12]. OLIVEIRA, L. E. M., & SANTOS, J. A. B. Rumo à liberdade de ensino: o mito dos Estados Unidos no Brasil oitocentista(1862- 1879). **Revista Brasileira de História da Educação**[online]. 2018, vol. 18(48). 2018. DOI: <http://dx.doi.org>. Acesso em 7 jul. 2018.
- [13]. PALMER, S. **Gênese da Saúde Global: a Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina.** Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/livro-vira-historia-da-fundacao-rockefeller-de-cabeca-para-baixo>. Acesso: 08/07/2019
- [14]. PROSTY, Antoine. Os fatos e a crítica histórica. Um: PROST, Antoine. **Doze lições sobre história.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira, Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 53-7
- [15]. SANTANA, Medicina, história e Política em Sergipe. Retalhos da Enfermagem em Sergipe. Dez 2005. Disponível e/m: http://antonio_samarone.blog.uol.com.br. Acesso em 30 Ago 2017.
- [16]. SANTOS, T. C. F. Significado dos emblemas e rituais na formação da identidade da enfermeira brasileira: uma reflexão após oitenta anos. *Rev Escola de Enfermagem Anna Nery.* Vol 8, nº 1, abr. 2004. Disponível em https://revistaenfermagem.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=1042. Acesso: 05 jul 2018.
- [17]. SAUTHIER, J; BARREIRA, I, A. **As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931.** Ed. Escola de Anna Nery/ UFRJ, 1999
- [18]. SILVA, E. F. L. **Competências do docente do ensino clínico: O caso da Escola de Enfermagem Anna Nery** / Elizabete Farias Lima Silva. Rio de Janeiro: UFRJ / Escola de Enfermagem Anna Nery, 2014. x, 140 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – UFRJ / Escola de Enfermagem Anna Nery, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2014.
- [19]. SOUZA, J. E. **O Programa de instrução pública de Tavares Bastos (1861-1873): Concepções a partir do modelo norte-americano.** São Cristóvão: editora UFS, 2012.
- [20]. TEIXEIRA, E. et al. **O ensino de graduação em enfermagem no Brasil: o ontem, o hoje e o amanhã.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.
- [21]. TYRRELL, M. A. R; FILHO, A. J. A. 85 anos no Ensino da Enfermagem Brasileira. **Rev. Escola Anna Nery** [online]. Mar. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org>
- [22]. WARDE, M. J. **Americanismo e Educação: Um ensaio no espelho.** In: São Paulo Perspectiva. [online]. 2000, vol. 14, n.2, pp. 37-43.